# Conhecendo uma língua

As tentativas de explicação para o fenômeno da língua (ou línguas), bem como o interesse sobre ela, são muito antigos. Não são poucos os mitos e lendas que foram criados para justificar essa faculdade presente na espécie humana. A narrativa contida em Gênesis é um exemplar de uma busca sobre como explicar a origem da língua, assim como a narrativa da Torre de Babel, também bíblica, procura justificar o porquê de haver tantas línguas diferentes. Em diversas culturas, houve essa busca por explicações, que, inicialmente, era suprida pelo mito. Houve um período de milhares de anos para que a língua começasse a ser estudada sob uma perspectiva científica. Nesse período, a humanidade lançou diferentes olhares sobre a língua: o místico, o filosófico, o psicológico, o social, o antropológico, o físico etc., até, finalmente, se chegar à ciência incumbida de estudar a língua como um objeto em si mesma, a Linguística. É por meio dessa ciência que serão apresentados aqui os conceitos de linguagem e língua, de modo que você, estudante, seja capaz de compreender a diferença entre esses dois fenômenos.

## Linguagem *versus* língua

A primeira questão a ser esclarecida diz respeito à condição a que toda definição teórica se submete. Cada linha de estudo da Linguística, em interação com outras ciências, vai dar uma definição de língua que privilegia um de seus múltiplos aspectos. Assim, a interface entre a Linguística e a Biologia vai preferir definir a língua como parte da dotação genética da espécie humana; a interface da Linguística com a Sociologia vai dar mais ênfase aos aspectos socioculturais da língua; a interface da Linguística com a Psicologia vai definir a língua como parte da cognição humana. Além disso, dentro de cada uma dessas interfaces, desenvolvem-se várias teorias diferentes. E cada teoria vai preferir definir língua de uma maneira especial, que esteja mais de acordo com suas hipóteses. Portanto, não existe uma única definição de língua e linguagem que possa ser aplicada indiscriminadamente. A definição desses conceitos precisa ser entendida, então, no âmbito de uma teoria particular.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

De forma a se poder discutir sobre língua e linguagem, optou-se pela apresentação de duas propostas: a de Ferdinand de Saussure (1857-1913) e a de Noam Chomsky. A escolha se deu em virtude de esses teóricos serem considerados os grandes "divisores de água" nos estudos linguísticos do século XX, bem como serem também os mais conhecidos e discutidos.

Tanto a teoria saussuriana quanto a teoria chomskyana não só definem língua de uma maneira particular, mas também têm visões completamente diferentes sobre o que é a linguagem. Para Saussure, linguagem é uma faculdade humana, uma capacidade que os homens têm para produzir, desenvolver, compreender a língua e outras manifestações simbólicas semelhantes a ela. Esse autor via a linguagem como um sistema muito mais amplo e abrangente do que Chomsky, para quem a linguagem, ou a *faculdade da linguagem*, expressão por ele empregada, é um módulo da mente especificamente associado à língua, e não a outras linguagens (como a pintura, a música, a dança etc.).

Outro ponto marcante nesse quesito é a falta de especificidade de Saussure a respeito do que seria essa faculdade que ele chama de linguagem. Especificidade que não faltou a Chomsky ao delimitar a *faculdade da linguagem* como um módulo cognitivo independente, especificamente associado à língua. Na visão de Chomsky, a faculdade da linguagem deve ser o objeto central do estudo de uma teoria linguística. Posicionamento oposto ao de Saussure, para quem o objeto da Linguística é a língua.

Saussure entende que, de todas as manifestações da faculdade da linguagem, a língua é a que mais bem se presta a uma definição autônoma. Por isso, ela ocupa um lugar de destaque entre as manifestações da linguagem, e, como tal, deve ser tomada como base para o entendimento de todas essas outras manifestações. Daí, hoje em dia, a Semiótica, que é a ciência que estuda todas as manifestações da faculdade da linguagem, partir sempre de análises feitas sobre a língua. O autor argumentava, segundo Petter (2007, p. 14), que:

> A linguagem envolve uma complexidade e diversidade de problemas que suscitam a análise de outras ciências, como a Psicologia, a Antropologia etc., além da investigação linguística, não se prestando, portanto, para objeto de estudo dessa ciência. Para esse fim, Saussure separa uma parte do todo linguagem, a língua – um objeto unificado e suscetível de classificação.

A complexidade e diversidade de problemas, apontados por Saussure, que suscitam a análise de outras ciências tem a ver, segundo ele, com o caráter "heteróclito e multifacetado" da linguagem. Por meio de tal caracterização, o autor pretendia dar conta de que a seu ver a linguagem abrange vários domínios, é


Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica; pertence ao domínio individual e social. Em contraposição à língua, que considerava um objeto passível de estudo pela unidade apresentada. A língua, por sua vez, é definida pelo autor como "um conjunto de convenções necessárias, adotada pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos" (1969, p. 17, *apud* PETTER, 2007, p. 14). Isso implica que, para Saussure, a língua é social e, por conseguinte, convencional, isto é, um acordo coletivo aceito entre os falantes da língua.

Esse acordo se revela, toma a forma, segundo o autor, de um sistema. Um sistema é um conjunto organizado de elementos, que se define pelas características desses elementos, e no qual cada elemento se define pelas diferenças que apresenta em relação a outro elemento, e por sua relação com todo o conjunto. Cada elemento da língua se define pela diferença que apresenta quando comparado a outro elemento. Sob essa perspectiva, na língua portuguesa "p" se define por sua oposição a "b" e a todos os outros elementos dessa língua. Saussure ainda trata da diferença entre língua e fala: esta seria o resultado daquela, sendo que a fala é considerada individual, no sentido de que apresentará características particulares, próprias a cada falante. A língua, defende o autor, é condição para se produzir a fala, mas não há língua sem o exercício da fala.

Após esse panorama sobre o pensamento saussureano quanto às noções de linguagem, língua e fala, cabe dizer que, depois de Saussure, os estudos linguísticos assumiram um viés eminentemente social. Posição que foi revista a partir da divulgação das ideias de Chomsky, que ressaltavam a importância da investigação das relações entre mente e língua. Se na teoria saussuriana a língua é considerada um objeto fundamentalmente social, na Gramática Gerativa, teoria elaborada por Chomsky, a língua é um objeto mental.

De uma forma mais radical do que outros pesquisadores que o antecederam, o autor parte da hipótese de que existe um módulo linguístico em nossa mente, constituído de princípios responsáveis pela formação e compreensão das expressões linguísticas, e especificamente dedicado à língua. Para ele, o foco não está na língua propriamente dita, mas nos recursos, princípios que permitem a construção, aprendizagem de uma língua em particular. Por isso, para a Gramática Gerativa, a noção de língua está fortemente associada ao estado inicial da faculdade da linguagem e aos resultados do desenvolvimento desse estado inicial pelo contato com um determinado ambiente linguístico. Essa faculdade da linguagem de que o autor fala seria inata, todos os seres humanos nasceriam com ela. Por meio dela é que o ser humano pode aprender uma língua – ou mais de uma –, no estágio de aquisição linguística, desde que seja exposto a uma dada língua.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Essa capacidade inata apontada pelo autor leva também à diferença entre competência linguística e desempenho linguístico. A primeira diz respeito ao conhecimento do sistema linguístico que o falante tem de sua língua e que lhe permite produzir o conjunto de sentenças da mesma. É um conjunto de regras que o falante construiu em sua mente pela aplicação de sua capacidade inata para a aquisição da língua que ouviu desde a infância. O desempenho é o comportamento linguístico resultante daquelas regras aliadas a outras variantes: convenções sociais, crenças, atitudes emocionais do falante quanto ao que diz, pressupostos sobre as atitudes do interlocutor, condições fisiológicas (de fonação) etc. A competência é o que o falante, inconscientemente, sabe sobre sua língua; o desempenho é o uso, ou melhor, é o resultado do uso que ele faz desse saber, conhecimento. Para Chomsky, o desempenho pressupõe a competência, mas a competência não pressupõe o desempenho.

Para encerrar essa seção, é possível dizer, com base no exposto, que as línguas naturais, em número muito diversificado, são manifestações de algo mais geral, a linguagem, e que as línguas são um meio de interpretar, organizar e categorizar o mundo, atribuir sentido ao que está ao nosso redor, sendo que cada língua pode focar ou realçar partes diferentes de uma mesma realidade. Por exemplo, em países em que a ocorrência de neve é constante, os falantes possuem, muitas vezes, palavras específicas para certos tipos de neve, o que não é muito comum em países em que a neve não faz parte do cotidiano dos falantes, os quais acabam empregando apenas uma palavra ou um menor número de palavras relacionadas ao conceito de "neve". Essa capacidade de interpretar e fazer um recorte do mundo é, aliás, disponível apenas para os seres humanos, como será visto a seguir.

## Língua e comunicação animal

O estudo da comunicação animal permite avaliar, pelo confronto, a singularidade da linguagem humana. Como se verá, o ser humano é a única espécie a deter um sistema de comunicação, uma linguagem tão complexa, única, a língua. Para ilustrar o problema da comunicação animal, será tomado como base para discussão o caso das abelhas.

Segundo Petter (2007, p. 15-16), um estudo clássico sobre o sistema de comunicação das abelhas revelou que:

> [...] a abelha-obreira, ao encontrar uma fonte de alimento, regressa à colmeia e transmite a informação às companheiras por meio de dois tipos de dança: circular, traçando círculos



Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

horizontais da direita para a esquerda e vice-versa, ou em forma de oito, em que a abelha contrai o abdome, segue em linha reta, depois faz uma volta completa à esquerda, de novo corre em linha reta e faz um giro para a direita, e assim sucessivamente. Se o alimento está próximo, a menos de cem metros, a abelha executa uma dança circular, se está distante, realiza uma dança em forma de oito.

Embora seja bem preciso, o sistema de comunicação das abelhas não constitui uma linguagem no sentido em que o termo é empregado quando se trata de linguagem humana. Isso por que existem diferenças entre o sistema de comunicação das abelhas e a linguagem humana que coloca aquele em posição muito distante do que pode ser considerado uma língua. Primeiramente, a mensagem da abelha não provoca uma resposta, apenas uma conduta, portanto, não há diálogo. Aliás, o tipo de conduta resultante – a busca pelo alimento – é sempre a mesma. No caso da espécie humana, as respostas e condutas possíveis após a recepção de uma mensagem são inúmeras e imprevisíveis. Essa não possibilidade de mudança de conduta, em certa medida, tem relação com o fato de que a comunicação da abelha se refere apenas a um dado objetivo, fruto da experiência. A abelha não constrói uma mensagem a partir de outra mensagem. A linguagem humana caracteriza-se por oferecer um substituto à experiência, apto a ser transmitido infinitamente no tempo e espaço.

Outra diferença drástica tem a ver com o conteúdo da mensagem. Entre as abelhas, o único conteúdo comunicado é o alimento, residindo na distância e na direção a única variação possível. Com sua língua, o homem pode versar sobre assuntos que vão da obtenção de alimento à reflexão sobre sua existência. Afinal, o conteúdo da linguagem humana é ilimitado. Finalmente, a mensagem das abelhas não se deixa analisar, decompor em elementos menores.

Na verdade, esse é o fato da linguagem humana, a língua, que mais a difere da comunicação das abelhas. A propriedade de articulação da língua em níveis é o que permite ao ser humano produzir uma infinidade de mensagens novas (sentenças, textos) a partir de um número limitado de elementos sonoros distintivos (os fonemas, sobre os quais se falará mais à frente). O mesmo é válido para a Libras, que combina um número limitado de elementos visuais para produzir mensagens novas infinitamente.

Com isso, pode-se concluir, sem medo de errar, que a comunicação das abelhas não é linguagem no sentido em que se fala de uma linguagem humana. Alguns de vocês podem estar considerando a comparação com as abelhas um tanto "injusta", principalmente se se lembraram dos papagaios. A essa altura, a pergunta que alguns gostariam de fazer é: Mas e o caso dos papagaios, que falam?

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

A verdade é que animais como o papagaio, a catatua etc. têm a capacidade de imitar os sons que ouvem. E "a fala" nesses animais nada mais é do que uma reprodução, uma cópia. Eles não são capazes de aplicar um dado enunciado a contextos diferentes, não são capazes de inovar. Por exemplo, um papagaio pode reproduzir perfeitamente, se as ouviu, as frases "O copo caiu" e "O menino chegou". Mas ele nunca, sem ter ouvido, ao contrário de uma criança de três anos, poderia aprender a partir dessas frases e produzir "O menino caiu". Agora, resolvida a questão da comunicação/linguagem dos animais, é hora de conhecer as características que tornam a linguagem humana – a língua – um fenômeno tão singular, único.

## A natureza da língua: suas propriedades

Todas as línguas naturais compartilham características que lhes são únicas e que as identificam enquanto língua, diferenciando-as de outros sistemas de comunicação. Nesse sentido, é possível identificar, por meio dessas características, se um dado sistema de comunicação se trata de uma língua. Entre os linguistas, há consenso sobre algumas propriedades que estão presentes nas línguas. São elas:

- **Flexibilidade e versatilidade**: trata-se do fato de a língua poder ser usada para comunicar os mais diversos conteúdos para os mais variados fins. A linguagem humana pode ser usada para obter alimento ou simplesmente para entreter as pessoas, pode versar sobre assuntos como política, filosofia, emoções e até mesmo coisas imaginadas, que não foram experienciadas pelo ser humano.

- **Arbitrariedade**: diz respeito à característica de que não existe uma relação direta entre uma palavra (significante) e seu conceito (significado). Por isso, não é possível determinar o significado de uma palavra apenas pela forma que ela apresenta, da mesma forma como não é possível esperar uma dada forma para um significado em específico. Por exemplo, nada na forma da palavra "elefante" remete ao seu significado. Reflita que não é possível, então, para um aprendiz estrangeiro do português conseguir alcançar o significado da palavra "elefante" apenas entrando em contato com a palavra. De nada adiantará a ele especular sobre a forma da palavra para chegar ao seu significado, pensamentos como "se a palavra é grande, deve se tratar de um objeto grande", "se a palavra tem uma sonoridade desagradável, trata-se de um significado igualmente desagradável" não o ajudarão a saber qual o conceito a que determinada palavra remete.



Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

- **Descontinuidade**: pequenas diferenças na forma das palavras, por exemplo, podem gerar grandes diferenças no significado. Observe a diferença entre "lata" e "pata". A mudança de um segmento na palavra, o "p" pelo "l", levou a um significado totalmente diverso. Isso mostra o caráter descontínuo da diferença formal entre forma e significado. Ou seja, não necessariamente uma mudança pequena na forma levará a uma mudança pequena no significado. Na verdade, pequenas mudanças na forma (fato X foto; vaca X faca; bola X cola) podem levar a grandes variações de significado.

- **Criatividade/produtividade**: característica que permite ao usuário de uma língua produzir um número infinito de enunciados a partir de um número limitado de elementos por meio da combinação e recombinação dos mesmos. A língua põe à disposição de seus usuários um número determinado de elementos (fonemas, morfemas, estruturas sintáticas) a partir dos quais os usuários podem criar sentenças num número infinito. E isso mesmo que o usuário nunca tenha ouvido um dado enunciado em particular antes. Isso significa que um falante do português não precisa ouvir a frase "A casa amarela é bonita" para produzi-la. Ele pode enunciá-la após ter ouvido sentenças como "A casa é amarela" e "A casa é bonita", pois empregará a capacidade de criatividade e produtividade que a língua lhe oferece.

- **Dupla articulação**: as línguas se constituem da junção de elementos menores, por isso sua análise é possível em dois planos. O do conteúdo/significado e o da expressão/forma linguística. Assim, o primeiro plano é constituído por unidades dotadas de sentido e a menor dessas unidades chama-se morfema. Por exemplo: "padeiro" (pessoa que faz pão) pode ser subdividido em [pad–] (de pão) e [–eiro] (designa a pessoa que faz algo), em que [pad–] e [–eiro], mesmo isoladamente, remetem a um significado. Nessa primeira articulação da linguagem, as unidades são compostas de matéria fônica e sentido, ou seja: significado + significante. No segundo plano, pode-se dividir os morfemas em unidades ainda menores e, nessa etapa, as unidades ficam desprovidas de sentido passando a serem chamadas de fonemas. Assim, [pad–] pode ser analisado quanto aos seus fonemas /p/, /a/, /d/, que, isoladamente, não possuem significado, são apenas distintivos entre si. A dupla articulação é um fator de economia linguística, pois com poucas dezenas de fonemas formam-se diversas unidades de primeira articulação.

- **Padrão**: estabelece a maneira como os elementos da língua devem ser organizados na produção dos enunciados e palavras, ditando as regras para o que pode "andar junto" e a ordem em que aparecem no enunciado ou palavra. Desse modo, a partir das palavras "casa", "o", "telhado", "quebrou" e "da" podem ser produzidos os enunciados "O telhado da casa quebrou",

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

"Quebrou o telhado da casa", "Da casa, quebrou o telhado" ou "Da casa, o telhado quebrou", todas sentenças aceitas como bem organizadas, bem construídas por falantes do português. O mesmo não acontece com: "Da telhado, o casa quebrou", "Casa quebrou o telhado da", "Da quebrou o telhado casa".

- **Dependência estrutural**: as línguas contêm estruturas dependentes que permitem o entendimento da estrutura interna de uma sentença, independente do número de elementos linguísticos envolvidos. Observe:

  O prédio queimou.

  O prédio da esquina queimou.

  O prédio da esquina que eu vi construir queimou.

  O prédio da esquina que eu vi construir quando era jovem queimou.

  O prédio da esquina que eu vi construir quando era jovem queimou ontem.

  Pelo fato de que uma estrutura depende da outra é que conseguimos entender os enunciados acima. Como bons usuários do português, entendemos que "da esquina" está vinculado ao prédio da mesma forma que "eu vi construir" e "quando era jovem", sendo que isso não impede que o conteúdo fundamental – "o prédio queimou" – seja compreendido.

Outro ponto a ser visitado se trata das funções da linguagem, ou seja, para que empregamos a língua, assunto tratado na próxima seção.

# Funções da linguagem

Quanto à característica da versatilidade das línguas naturais vista na seção anterior, cabe um aprofundamento no que diz respeito às funções da linguagem, isto é, os usos que podem ser feitos da linguagem verbal – língua. Quem muito contribuiu para o estabelecimento das funções da linguagem foi Roman Jakobson (1896-1982), que acreditava que a linguagem deve ser examinada em toda variedade de suas funções. Para apontar as diferentes funções, o autor levou em conta em que elemento (remetente, destinatário, referente, mensagem, contato e código) do processo comunicativo por ele proposto estaria centrada a comunicação:



Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

- **Função emotiva**: centrada no remetente, isto é, em quem produz o que é comunicado. A informação é repassada de forma subjetiva, do ponto de vista do falante, de acordo com suas crenças e/ou sentimentos.

- **Função conativa**: centrada no destinatário, quem recebe o que é comunicado. Nessa função, a intenção é estabelecer a ideia de interação com o destinatário da comunicação. Tem por finalidade, muitas vezes, convencer, persuadir, provocar algum tipo de resposta ou atitude (verbal ou não) por parte do destinatário.

- **Função referencial**: centrada no referente, na informação, conteúdo da comunicação estabelecida. Textos com essa função têm como finalidade a transmissão objetiva da informação.

- **Função poética**: centrada na mensagem, na sua apresentação, sua forma de expressão. Nela, o objetivo é criar uma forma de expressão, de uso da língua, peculiar, inovadora, que chama atenção mais pela maneira de dizer do que propriamente pelo que é dito.

- **Função fática**: centrada no contato. Aqui a finalidade é manter o contato entre remetente e destinatário, sendo que essa função apresenta estratégias para avaliar o quanto os participantes do processo comunicativo estão realmente interessados na comunicação estabelecida. São comuns expressões como: "Você está escutando?", "Entendo o que você está tentando dizer", "Como vai?", "Tudo bem".

- **Função metalinguística**: centrada no código, no próprio sistema linguístico. Essa função permite que se façam reflexões sobre a língua, sobre suas características, seus usos. É, em última análise, usar a língua para falar da própria língua.

É importante observar, ainda, que as mensagens, comunicações, textos não apresentam apenas uma função da linguagem, mas várias, ou mesmo todas, só que de forma hierarquizada. Isso significa que, mesmo concorrendo em um mesmo texto várias funções, existe uma dominante. Por fim, os textos-mensagens-comunicações empregam procedimentos linguísticos e discursivos que produzem efeitos de sentido relacionados com as diferentes funções, permitindo identificá-las.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

# Os níveis de análise linguística

Os estudos linguísticos podem ser feitos em diferentes níveis, cada um ocupando-se de uma parte do sistema linguístico, podendo abordá-las, e geralmente o fazendo, de forma independente. Nesta seção, o intuito é apresentar um panorama de cada um desses níveis, o objeto de que se ocupam (a parte do sistema linguístico) e maneira como o tratam.

## Fonética e fonologia

A fonética e fonologia são dois níveis cuja análise se entrecruza, trabalhando a partir de um "mesmo" ponto de partida, o som. A fonética é a área da Linguística que se ocupa da descrição e análise da massa amorfa (sem forma, que não se distingue, indecifrável) fônica. Seu objeto de estudo é o som, como ele é produzido, quais as características dos sons da fala (fones), língua, que os diferencia de outros sons (música, barulhos, grunhidos etc.). Nesse nível não há preocupação com significado, com o valor dos sons para uma língua em particular, apenas com características físicas, acústicas e articulatórias da fonação (emissão dos sons da fala). A fonologia, por outro lado, trabalha com sons, mas não apenas isso, não apenas o som em si mesmo. Antes, está preocupada em descrever o valor de determinados sons para línguas em particular. Na fonologia, então, estuda-se o caráter propriamente linguístico desses sons. Isso significa que os sons são analisados em termos das relações que eles estabelecem entre si, e dos valores que eles têm dentro de um determinado sistema linguístico.

Para identificar se um som tem ou não valor no sistema de uma língua, é preciso descobrir se ele é capaz de distinguir significados. Se a troca de um som por outro dentro de um mesmo contexto resultar na mudança de significado de uma palavra, trata-se de um som que tem valor linguístico, portanto, um fonema. Caso contrário, não havendo mudança de significado com a troca do som num mesmo contexto, está-se diante de um fone. Desse modo, /t/ e /d/ são fonemas porque sua alternância na palavra leva à mudança de significado, conforme evidencia o par [tato] *versus* [dado]. Já a diferença entre a pronúncia da palavra *leite* entre catarinenses [lejtʃɪ][1] – em que o fonema /t/ é pronunciado com uma espécie de "chiado", representado pelo fone [ʃ] – e paranaenses [lejte] não é alvo da fonologia, posto que não leva a mudança de significado, e sim objeto da fonética, que vai descrever como esses dois sons são produzidos.

[1] Caro aluno, a partir daqui utilizaremos nas transcrições fonéticas o Alfabeto Fonético Internacional criado pela Associação Fonética Internacional, que se trata de uma padronização da representação dos sons da fala. Para maiores esclarecimentos a respeito dele ver o livro *Introdução à Linguística II*, de José Luiz Fiorin, presente nas dicas de estudo desta aula.



Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

# Morfologia

Acima dos níveis fonético e fonológico, há o morfológico, tradicionalmente identificado como a área responsável pelo estudo da palavra. Nesse nível, a atenção recai para como os fonemas se combinam para formar morfemas e como estes formam as palavras.

Para uma melhor compreensão, é preciso que se tenha em mente que o morfema é a menor unidade significativa linguística, ou seja, uma função que une um significante a um significado. Não esqueça de que o fonema distingue significados, mas ele mesmo não carrega significado. Uma palavra do português como "sim", por exemplo, é um morfema. Ela não pode ser dividida em unidades menores, que tenham significante e significado. Já uma palavra como "cozinheiro" é composta por três morfemas: [cozinh–], [–eir–], e [–o]. Cada um desses morfemas apresenta um significante (a forma, o próprio morfema) e um significado (o conceito, ideia veiculada pelo morfema): [cozinh–] significa um local em que se cozinha; [–eir–] significa, entre outras coisas, alguém que trabalha com um determinado objeto ou em uma dada área; e [–o] é o morfema que significa o gênero masculino.

Muitas outras palavras do português são formadas de maneira semelhante: confeiteiro, pedreiro, joalheiro etc. Isso leva ao fato de que estudar os morfemas, identificá-los, saber como se unem e quais significados carregam permite entender como são formadas as palavras de uma língua, permite prever que tipos de produções de novas palavras (neologismos) são boas (respeitam as regras de formação de palavras) numa dada língua. Por exemplo, para os falantes do português, formações como amável, respeitável, admirável (amar + vel, e assim sucessivamente) são consideradas como boas, pertencentes a sua língua. O mesmo não se dá com formações como corrível (correr + vel), falável (falar + vel), brincável (brincar + vel). O papel da morfologia, nesse caso, é explicar por que usuários do português produzem o primeiro grupo e o aceitam como boas formas da língua e por que o segundo grupo, embora suscetível de ser produzido, não o é, e quando o é, recebe um olhar de estranhamento dos usuários do português, que não identificam as palavras do último grupo como pertencentes à sua língua.

# Sintaxe

No nível de análise sintático, o objetivo é descobrir as regras internas da língua que regem a estruturação dos enunciados, isto é, como as palavras se organizam para formar sentenças. Note que não se está falando das regras da

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

gramática tradicional, pautadas muito mais em noções de certo e errado, feio e bonito, do que em apontar o que é próprio da organização de uma dada língua. Nesse sentido, enquanto as gramáticas normativas estabelecem o que pode e como deve ser dito, criando a norma padrão ou culta de uma língua, a sintaxe, enquanto ciência, está interessada em apontar por que organizamos uma dada sentença de uma maneira e não de outra. Na sua condição de ciência, de campo de estudo filiado à Linguística, a sintaxe pode ser estudada sob perspectivas, teorias diferentes. Dentre as várias possibilidades, destacaram-se, ao longo da tradição dos estudos linguísticos, a análise sintática formal, cujo representante mais conhecido é a Gramática Gerativa, e a análise funcional, expressão sob a qual residem diferentes teorias e cuja unicidade é difícil traçar.

O gerativismo, ao eleger as regras que regem o sistema da língua como seu objeto, dá prioridade à competência do falante e relega a outros campos do estudo linguístico o desempenho, o uso. Com isso, essa abordagem pratica uma separação entre conhecimento linguístico e processamento linguístico e limita-se a estudar o primeiro, descrevendo-o como comportamentos linguísticos determinados por estados da mente. Por sua vez, o funcionalismo, ao preconizar a língua como resultado do uso comunicativo e por admitir que este envolve capacidades humanas de níveis mais elevados do que a capacidade linguística propriamente dita, permite estudar não apenas como se dá o conhecimento linguístico, mas principalmente como ele é processado.

## Semântica e Pragmática

A formação de palavras, bem como a formação de sentenças, implica na veiculação de significados. Estes são objeto de estudo da Semântica. O problema é que não é fácil definir o conceito de "significado". Além disso, como a questão do significado está fortemente ligada à do conhecimento, outro problema que se levanta é o da relação entre linguagem e mundo, e de que forma o conhecimento se torna possível. Como não há consenso entre os linguistas sobre essas questões, há várias semânticas. Cada uma, consequentemente, elege a sua noção de significado, responde diferentemente à questão da relação entre linguagem e mundo e constitui, até certo ponto, uma teoria fechada, incomunicável com as outras. Muitos linguistas gostam de fazer uma separação entre Semântica e Pragmática. De maneira geral, para eles, a Semântica trata da significação linguística independentemente do uso que se faz da língua. A Pragmática, por outro lado, teria como objeto o estudo da significação construída a partir do momento em que a língua é posta em uso, ou seja, em uma determinada situação de fala.


Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Outros linguistas preferem não estabelecer uma distinção tão clara entre as duas áreas de pesquisa, na medida em que acreditam que a significação das expressões linguísticas só se constrói por inteiro quando a língua é posta em uso.

Com isso, pode se considerar finalizado o panorama proposto sobre os níveis de análise linguística. Convém observar a utilidade dos estudos linguísticos, em seus variados níveis, à atuação do tradutor e intérprete. Conhecer as línguas envolvidas no ato tradutório, para além do conhecimento que permite que elas sejam usadas pelo tradutor, possibilita que muitas decisões de cunho linguístico possam ser tomadas com base em análises linguísticas, sem medo de estar infringindo a constituição das línguas envolvidas no processo.

# Texto complementar

## E se... o mundo falasse a mesma língua

(ALMEIDA, 2002)

Imagine se, de comum acordo, todos os habitantes da Terra falassem um só idioma. Você poderia tomar um avião no Brasil, descer no Japão e se entender com todo mundo. Para alguns estudiosos, esse seria o fim de muitos desentendimentos. A Bíblia, por exemplo, diz que a harmonia entre os povos acabou na Torre de Babel, quando, por um castigo divino, pessoas que antes falavam a mesma língua passaram a ter diferentes idiomas. Desde então, ninguém mais se entendeu, diz o texto.

Mas uma língua unificada teria vida breve. Em pouco tempo, cada grupo selecionaria os termos adequados ao seu ambiente e à sua cultura, diferenciando novamente as linguagens. Enquanto os idiomas têm entre 2 000 e 20 000 palavras, uma língua mundial precisaria de mais de 25 000 termos, para absorver, por exemplo, as 40 palavras que os esquimós dão para a cor branca. No Saara, essas palavras seriam abandonadas em breve. "O latim era uma língua unificada, mas dele saíram 10 ou 12 línguas latinas", diz o professor de Filologia Românica da USP, Bruno Fregni Bassetto. É o que explica as diferenças entre o português do Brasil e o de Portugal.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Já houve tentativas, fracassadas, de criar uma língua universal. Filósofos como Voltaire, Montesquieu e Descartes foram alguns dos que tentaram. Uns achavam que o idioma único deveria ser totalmente novo. Outros, que ele deveria ser formado de palavras já existentes, combinadas. Mas em um ponto eles concordavam: não é possível impor a todos uma língua já existente. O esperanto, criado em 1887 pelo polonês Lázaro Zamenhof e hoje adotado por três milhões de pessoas, foi o mais próximo que se chegou desse sonho. Mas mesmo seus adeptos, espalhados por mais de cem países, o consideram uma segunda língua, que se deve aprender sem perder o idioma natal.

A difusão dessa língua mundial seria delicada. E, com certeza, não haveria mistura com os idiomas locais. Onde houvesse resistência, a linguagem original simplesmente predominaria. Trata-se de uma verdade histórica: as línguas nunca se fundem – uma sempre predomina e a outra desaparece. Foi o que houve na Gália, terra de Asterix e Obelix, onde viviam os celtas, com sua própria língua. Quando os romanos conquistaram a região, impuseram o latim, que foi adotado. Com mudanças de pronúncia e enxertos de palavras, mas ainda latim.

Há quem defenda a tese de que já se falou um idioma universal, quando a linguagem foi inventada pela humanidade. Mas essa é uma grande polêmica. Alguns pesquisadores acham que a raça humana surgiu na África e, dali, se espalhou pelo resto dos continentes. Outros supõem que povos diferentes surgiram em várias regiões, cada um com sua língua. No primeiro caso, as línguas teriam uma origem comum. No segundo, não.

"Tudo o que sabemos sobre a linguagem parte do que a língua é hoje. O resto é especulação", diz Carlos Alberto Faraco, professor de Linguística da Universidade Federal do Paraná. De certo, sabe-se que, no passado, houve um povo que falava uma só língua, o indo-europeu, do norte da Índia à Europa, com poucas exceções, como o País Basco e a Finlândia. Esse idioma deu origem a quase todas as línguas ocidentais e a algumas orientais. Antes disso, a controvérsia é tão grande que, no final do século XIX, os linguistas proibiram que se discutisse o tema.

Frase

"Então, está tudo listo, Francisco. Eu levo a birra, e você, o *Sauerkraut*. Só falta combinar onde vai ser o *barbecue*, se aí no Ceará ou aqui na Austrália."



Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

# Dicas de estudo

- Crônica: "Estudo científico das línguas?", de Sírio Possenti, em *A Cor da Língua,* 2002, p. 33-35.

  Por ser uma crônica, o texto promove, numa linguagem acessível a leigos no assunto, discussões em torno do fazer do linguista, tentando esclarecer qual a sua tarefa e no que ela se diferencia em relação ao trabalho do gramático.

- Filme: *Nell* (1995), dirigido por Michael Apted.

  O filme narra a história de uma jovem encontrada morando sozinha, distante do contato de qualquer outra pessoa que não fosse sua mãe, que falecera. Entre outras coisas, aponta o choque entre o encontro de uma pessoa "não civilizada" com o mundo "civilizado".

  O interesse particular quanto à questão da linguagem e língua recaí no fato de que Nell, ao ser encontrada, apresenta uma linguagem verbal muito diferente da falada pelas pessoas que a encontraram (o inglês). No decorrer da história, o médico e a psicóloga que lidam com Nell acabam por concluir que a linguagem que ela apresenta é, na verdade, uma "variedade" do inglês, e que todas as características que atribuíam uma natureza distinta do inglês falado pelos dois se devia a fatores como Nell ter convivido apenas com sua mãe e irmã – ambas já mortas no momento em que ela é descoberta –, à mãe de Nell ter um problema de fala ocasionado por paralisia facial, o que acabou se refletindo na fala das filhas, e por Nell, como é comum a muitas crianças, ter criado uma forma distinta de comunicação que apenas ela e sua irmã conheciam, o que também acabou sendo transportado para a sua fala, já que sua convivência se limitava a sua mãe e irmã. O filme nos leva à reflexão, por um meio palpável, sobre o que é uma língua, como identificá-la e como ela interfere na construção do entendimento do mundo e cultura ao nosso redor.

- Artigo: "Fonética", de Raquel Santana Santos e Paulo Chagas de Souza, do livro *Introdução à Linguística II*, de José Luiz Fiorin, editora Contexto, 2003.

  Este artigo é muito interessante para se ter uma noção introdutória a respeito dos aspectos próprios à Fonética tanto de línguas orais como da língua de sinais. Além desse artigo inicial há os demais que constituem uma fonte segura da qual o aluno pode incrementar seu conhecimento sobre as demais áreas da Linguística.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

# Atividades

1. Discuta, definindo e dando exemplos, a propriedade de dupla articulação da linguagem e por que ela gera economia para as línguas.

2. Se fonética e fonologia partem de um mesmo ponto, o som, qual a diferença entre esses dois níveis de análise? Afinal, seria desnecessária a existência de dois níveis para estudar o mesmo objeto.

3. Partindo do senso comum, muitas pessoas podem confundir "a fala" de um papagaio com a língua empregada pelo ser humano ou ainda achar que a comunicação entre animais é uma evidência de que eles possuem uma linguagem equiparável à linguagem humana. Justifique por que equiparar a linguagem animal à linguagem humana é um equívoco.



Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

# Referências

ALMEIDA, Lizandra Magon de Almeida. E se... o mundo falasse a mesma língua. **Superinteressante**, ed. 177, jun./2002. Disponível em: <http://super.abril.com.br/cultura/se-mundo-falasse-mesma-lingua-443082.shtml>. Acesso em: 23 ago. 2010.

BARROS, Diana Pessoa de. A comunicação humana. *In*: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à Linguística I**: objetos teóricos. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. *In*: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à Linguística I**: objetos teóricos. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

# Gabarito

1. Resposta mínima deve contemplar que a dupla articulação da língua é um fator de economia, pois permite que com um número limitado de fonemas sejam construídos um número ilimitado de morfemas, material com o qual as palavras são formadas. Deve atentar também para o fato de que a primeira articulação, a morfológica, está no plano do conteúdo, posto que veicula significado, já a segunda articulação, a fonológica, está no plano da forma, já que não veicula significado.

2. O estudante deve reconhecer que o objeto de análise dessas áreas parece ser o mesmo, mas não é. A fonética lida com o som apenas enquanto entidade física, articulatória. Ela procura saber como são produzidos os sons da língua humana, independentemente de eles serem distintivos na língua. A fonologia, por outro lado, só se ocupa dos "sons" que são distintivos dentro da língua.

3. Igualar a linguagem humana à animal é um equívoco devido ao nível de complexidade da linguagem humana. Para demonstrar tal complexidade, o estudante pode recorrer às propriedades das línguas naturais, que dão conta de características encontradas apenas na linguagem verbal: versatilidade, produtividade, descontinuidade, articulação em diferentes níveis etc. O que deve ficar claro para o aluno é o nível de sofisticação que a linguagem humana permite, enquanto a linguagem animal é muito limitada.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br